O papel da Teologia perante "tudo que aí está"

Rodrigo Follis¹

No ano de 2013 o Brasil foi sacudido por várias manifestações políticas, quando vários jovens saíram às ruas reclamando de praticamente "tudo que aí está". É meio óbvio dizer que não vivemos em um país perfeito, no qual as pessoas se encontram em completa felicidade, os sistemas públicos funcionam e a saúde, a educação e dignidade estão ao alcance de todos. Também é fato que, se não vivemos em um paraíso sobre a Terra, a pátria tupiniquim parece estar ainda mais longe de alcançar o mínimo desejado, em comparação com diversos outros países. Com isso, a insatisfação com "tudo que aí está" aumenta e conduz a uma inquietação relevante para o projeto editorial apresentado aqui na revista *Kerygma*: qual seria o papel da Teologia perante tais realidades sociais?

Muito além de pensar a Teologia como mera discussão acadêmica ou eclesial bairrista, intencionamos questionar sobre sua utilidade última, algo que para Max Weber (2004), ao discursar sobre os objetivos da ciência, é relacionado ao auxílio que fornecemos para que as pessoas consigam prestar contas, para si mesmas, do sentido de sua conduta. Ao sermos felizes na realização de nossas tarefas como teólogos e estudiosos da religião, obteremos como resultado uma força que obrigue, ou pelo menos ajude, o indivíduo "a entender sua própria conduta". Quando conseguirmos tal realização, estaremos "a serviço de produzir uma autoclarificação e um senso de responsabilidade" (WEBER *apud*, GERTH, 2009; ver ALVES, 2005, p. 25).

Ao focarmos na discussão acerca do papel que a Teologia deveria ter perante a realidade social, começamos a entender que não podemos e não devemos produzir um fazer teológico distante das preocupações dos seres

¹ Editor associado da revista Kerygma. Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br

humanos a nossa volta, são eles o destino do nosso teologizar (ao contrário do que muitos parecem práticar, não são os livros e as bibliotecas o objetivo último de nossos discursos, mas as igrejas e os que nelas se encontram). Assim, vale muito lembrar a argumentação de Glauco Magalhaes Filho (2005, p. 63-67) para quem o imaginário religioso sempre contribui para que a sociedade se modifique. Mesmo para Karl Marx (1956, p. 550), não muito simpático aos "dogmas" religiosos, a democracia, àquela que possibilitou o levante popular mencionado anteriormente, "se assenta no princípio do indivíduo, o qual, por seu turno, tem seus fundamentos no sonho do Cristianismo de que o ser humano possui uma alma imortal". Por sua vez, C. S. Lewis (1997, p. 41) abordando tal assunto afirma que:

A imortalidade produziria outra diferença que, diga-se de passagem, tem uma conexão com a diferença entre o totalitarismo e a democracia. Já que o ser humano vive apenas setenta anos, então um estado, uma nação ou uma civilização, que podem durar mil anos, são mais importantes do que o indivíduo. Mas, se o cristianismo é verdadeiro, então o indivíduo é incomparavelmente mais importante, porque ele é imortal e a vida de um Estado, ou civilização, comparada com a sua, corresponde a apenas um momento.

Com a atual edição da revista *Kerygma* tencionamos dar continuidade à nossa missão de transpor a teologia produzida nas bibliotecas e salas de aula para a realidade das igrejas e da sociedade, tendo a salvação dos indivíduos em primeiro lugar. Com excelentes textos, tantos de pesquisadores nacionais como internacionais, abordamos neste número temas tão diversos quanto relevantes. Assuntos que vão desde a interpretação das duas testemunhas de Apocalipse aos usos e às supostas proibições da literatura ficcional nos escritos de Ellen G. White.

Se não abordamos os problemas sociais pelos nomes, acreditamos que os preceitos teológicos que produzimos e anunciamos consigam, ao menos, abarcar conceitos axiológicos e epistemológicos que deem razão, base e lógica ao que acontece no contexto macrossocial. Essa é a missão da revista *Kerygma*, e de toda boa Teologia. Tal como no exemplo fornecido por Lewis (1997), aqui apregoamos uma teologia pública que, se não resolver todos os problemas, ao menos sirva para dar esperança e um norte para o crente. Assim, fazemos ecos às palavras de Rubem Alves (2005, p. 31):

Escrevo porque creio, a despeito de quaisquer argumentos em contrário que a linguagem e o pensamento também sustentam o mundo e que, portanto, pela transformação da linguagem e do pensamento algo está sendo feito para que o mundo se transforme. Se assim não cresse, deixaria de ensinar e escrever.

Nosso desafio como revista teológica é, enquanto existir aqueles que acreditam no poder da Palavra de modificar o mundo, continuar com o nosso propósito de divulgá-los e, com isso, conduzir a todos para mais perto da perfeição a qual aguardamos. Entendemos que esse objetivo nunca vá se concretizar completamente através de nossos próprios esforços, mas o aceitamos como um guia para nossas vidas e ações, justamente por acreditar naquele que prometeu torná-lo realidade (Mt 24; Ap 21). É assim que entendemos as boas obras mencionadas por Paulo ao jovem teólogo Tito:

Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os seres humanos. [...] aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo. Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras (Tt 2:11-14).

Referências

ALVES, R. Religião e repressão. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

GERTH; H. H. From Max Weber: essays in sociology. EUA: Routledge, 2009.

LEWIS, C. S. Cristianismo puro e simples. São Paulo: ABU, 1997.

MAGALHÃES FILHO, G. **O imaginário em** *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MARX, K.; ENGELS, R. Werke, B. 1. Berlin: Dietz, 1956.

WEBER, M. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2004.